

AGROECOLOGIA E CAMPESINATO: DOIS CONCEITOS INSEPARÁVEIS

*Thamires de Oliveira Santos*¹

GUZMÁN, Eduardo Sevilla; MOLINA, Manuel González de. *Sobre a evolução do conceito de campesinato*. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

A obra é fundamental aos interessados e estudiosos sobre o campesinato. O conceito por si só não é explicado, visto que cada canto do mundo produz sua forma de campesinato. Este livro é fruto da intenção de Guzmán e Molina pesquisar e organizar o que se estuda e debate sobre o campesinato europeu e latino-americano desde a década de 1970. No país, foi publicado pela editora Expressão Popular em cooperação com a Via Campesina do Brasil, movimento que articula o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e os outros movimentos que possuem em comum a luta pela terra e direitos.

Eduardo Sevilla Guzmán é engenheiro agrônomo pela Universidade Complutense de Madri, Ph.D em Sociologia Rural pela Universidade de Reading, na Inglaterra. O segundo autor, Manuel González de Molina é doutor em História Contemporânea da Universidade de Granada, onde é professor de História Contemporânea.

Em “Sobre a evolução do conceito de campesinato”, Guzmán e Molina mostram como o conceito de campesinato foi lapidado ao longo do tempo. Enfatizam, de que forma esta concepção mostra-se como alternativa ao modelo neoliberal do agronegócio, sobretudo na América Latina, a partir da agroecologia.

Guzmán e Molina, antes de iniciarem o debate, propõem estabelecer um marco teórico sobre como estudar a agroecologia latino-americana: analisando períodos históricos na perspectiva de processo e fazendo uma genealogia do pensamento popular latino-americano sobre o tema. Segundo eles, no âmbito global, o estudo das práticas no campo surgiu entre os

¹ Graduando em geografia na Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsista de iniciação científica. Correio eletrônico: thamywine@gmail.com

séculos XVIII e XIX sob a forma de pensamento social agrário (Guzmán; Molina, 2005, p. 17).

Tais estudos do campesinato podem se encaixar como uma linha evolucionista do conceito, a partir de intelectuais que foram primordiais para Guzmán e Molina, como George Ludwin von Maurer e Makxim Makximovich Kovalevski. Argumentando sobre o campesinato como conceito, os autores do livro destacam três correntes teóricas: narodnismo, anarquismo agrário e marxismo ortodoxo.

O narodnismo surge, na Rússia, a partir de discussões intelectuais e políticas a respeito das instituições de manejo dos recursos naturais e econômicos de comunidades rurais. A discussão sobre o campesinato se dava sobre uma possível substituição deste pelo modo capitalista ou pelo enfrentamento direto entre eles.

Os teóricos desta corrente adotaram o marxismo como método de análise, mas esta metodologia possuía uma lacuna que fez com que Marx fizesse considerações sobre a importância do campesinato na evolução da história social. A isto, Guzmán denominou narodnismo marxista.

Dentro do narodnismo, os teóricos propunham, para a Rússia, um modelo não capitalista de produção que fosse pautado no campesinato. Mesmo com uma diversidade assumida dentro da corrente, dois ideais são constantes: rejeição ao capitalismo e/ou desejo de que a Rússia avançasse do capitalismo para o socialismo.

Como síntese, Guzmán e Molina definem o narodnismo russo como uma práxis que luta pela superação do capitalismo. Este sistema econômico, como vemos cotidianamente, usa formas de organização política que vivem da dominação e submissão do povo, criando uma minoria que legitima seu poder através de práticas falsas de democracia.

Os autores dividem de forma cronológica a história do narodnismo russo em três etapas: de fundação, narodnismo clássico e revolução.

Nicolai Gavrilievich Chernychevski, escritor da revista *Sovremennik* (Crítica literária) foi um dos principais nomes na etapa de fundação do narodnismo, ao fazer propaganda de cunho conscientizador e contestador. Neste momento, o campesinato é visto pelo narodnismo como alternativa ao capitalismo.

No narodnismo, ocorre a rejeição ao capitalismo e a vontade de que a Rússia passe para o socialismo usando o bem-estar camponês como parâmetro a ser seguido. Do ponto de vista pessoal, os narodnistas encontraram nas relações camponesas uma forma de revalorização do homem e da natureza.

Nicolai K. Mikhailovski usa a *obshina* (comunidade rural russa, pautada na cooperação) como exemplo de resistência para evitar a homogeneização social imposta pelo capitalismo.

A etapa revolucionária é uma consequência das práticas teóricas das duas últimas etapas a partir de 1860. Nesse ano, ocorreu grande migração da população urbana, sobretudo jovem para o campo, o que foi uma chamada para a necessidade de ação junto com os camponeses para a reversão da situação caótica pós-abolição da servidão. Os primeiros grupos revolucionários criados investiram na propaganda, a princípio chamada de “causa do livro”, passando a ser “causa dos operários”, que almejava criar a estrutura organizacional necessária para efetivar a ação. Em 1879, é criado o Partido Social Revolucionário da Vontade do Povo pela maioria envolvida nas “causas”. Este partido continuou organizado e atuante até 1887.

A segunda corrente teórica analisada é o anarquismo agrário. Para os autores, o anarquismo é um sistema de pensamento aberto e nada rígido, que nega o Estado e busca a cooperação voluntária de forma livre. Guzmán e Molina mostram Bakunin e Kropotkin como autores básicos dessa corrente.

Cruzando o pensamento de Kropotkin e Bakunin, os autores propõem o anarquismo agrário como uma medida popular de caráter anarquista partindo de certo desespero e angústia do camponês em uma vida de miséria e servidão. No geral, o anarquismo agrário funcionaria/funçiona como teoria revolucionária em que o campesinato é o principal agente potencial de revolução.

A terceira e última corrente teórica explanada por Guzmán e Molina é o marxismo ortodoxo. É uma proposta teórica que visa a chegada ao socialismo pela luta do proletariado.

Guzmán e Molina apontam para uma teoria inicialmente mal interpretada e incompreendida da obra primordial de Marx (*O capital*) da parte de Engels, além da adoção da agricultura como ramo da indústria. Esses erros interpretativos foram explicitados na década de 1960, com um minucioso estudo das obras de Marx.

Os críticos e teóricos do marxismo ortodoxo acreditavam que Marx formulou uma teoria geral dos modos de produção que poderia ser aplicada de modo universal a toda sociedade. Os modos de produção seriam: comunismo primitivo, escravismo e, por último, o atual modo capitalista. A transição de um modo para outro se daria quando ocorre crise entre o pensamento e a forma de produção material daquela época.

Recapitulando, na Rússia do século XIX, a discussão agrária envolvendo o uso de recursos naturais e o campesinato e sua evolução foi predominante. Desta discussão, surgiram diversas ideias que os autores abordam como: o contexto teórico de *O capital*; o narodnismo nos marxistas; o clássico marxismo heterodoxo e, por fim, o marxismo ortodoxo agrário.

Na primeira corrente teórica, o contexto dentro de *O capital*, foi uma análise sobre o modelo capitalista. Todavia, a agricultura era vista de forma limitada pelo uso da metodologia de Marx. Uma das hipóteses que ele considerava era a possibilidade da agricultura tornar-se um ramo da indústria. E para isto, teceu uma análise histórica dos elementos-chave da agricultura em cada formação social pré-capitalista e no período de transição entre feudalismo e capitalismo que, para Marx, iniciou-se nos últimos 75 anos do século XV até o momento em que escreveu *O capital*.

O próprio Marx, influenciado pela repercussão dos debates sobre o livro na Rússia, introduziu, na sua análise, o campesinato como peça importante na história social. Em contrapartida ao marxismo heterodoxo, aparece o debate sobre o marxismo clássico heterodoxo, que seria uma ramificação que teve como grande representante Rosa Luxemburgo.

Rosa Luxemburgo teve como contribuição a conceituação dos “espaços vazios” no capitalismo, que seria a coexistência de diversas formas de produção nas sociedades. Já Preobrazhensky fala sobre a transição para o socialismo onde ocorreria uma acumulação primitiva socialista, que seria um curto tempo onde haveria produção. Outra vertente do marxismo ortodoxo é o marxismo ortodoxo agrário que seria um esforço de interpretar na História a evolução das práticas, saberes e estruturas agrárias. Mas, os autores voltam a debater o marxismo ortodoxo por uma visão que se mostra histórica progressista do capitalismo até a miséria, agonia, angústia do campesinato.

O marxismo ortodoxo deve a Lenin e a Kautsky a contextualização sobre as transformações na agricultura e campesinato dentro do capitalismo. Kautsky mostra que as relações conflituosas entre o capitalismo e campesinato é a maior causa da demora nos processos de centralização e concentração na agricultura (Guzmán; Molina, 2005, p. 51). Enquanto isso, Lenin mostrava a proletarização como consequência da exploração contraditória do campesinato e do latifúndio.

Finalizando o primeiro capítulo da obra, os autores fazem uma análise resumida e geral sobre o século XIX, em que duas correntes teóricas socio-políticas tentavam explicar os fatos: o narodnismo, no qual o campesinato e sua permanência são peças importantes; e o marxismo ortodoxo, para o

qual o campesinato era um resíduo antigo e descartável à inserção da ideia de progresso.

Para o segundo capítulo, Guzmán e Molina trazem a discussão sobre a nova tradição dos estudos camponeses para a agroecologia.

O ano de início desta nova tradição é 1948. Neste ano, Kroeber conceituou a sociedade camponesa como aquela que possui organização social em forma rural, mas que mantém relação com as cidades por meio do comércio, sendo um segmento de classe dentro de uma população. Além disso, Kroeber caracteriza a sociedade camponesa como carente de isolamento e autonomia política.

Mesmo que Kroeber tenha contribuído de forma significativa para o debate camponês, foi Robert Redfield quem iniciou a nova tradição teórica a partir do estudo de comunidades camponesas no México e suas relações com a indústria e a cidade. Redfield teorizou a sociedade camponesa perfeita ou a *Folk-Society* (Redfield, 1947, p. 293-308).

O autor expõe a sociedade camponesa como segmento de classe de uma sociedade maior. Segundo ele, a sociedade camponesa mantém relação com a sociedade maior por meio do mercado, o que explicita uma ligação dependente e de exploração. Erick Wolf é citado por reunir elementos da nova tradição com a antiga, sobretudo os trabalhos de Chayanov. Uma das teorizações mais importantes de Wolf foi a análise dos “povos sem história”, uma discussão sobre a expansão europeia na América Latina.

Sidney Mintz é outro autor que trata dos operários agrícolas como integrantes da relação do campesinato. Suas análises sobre o campesinato no Caribe deram origem à tese do “campesinato como encaixe histórico”. Esta tese discutiu, também, o manejo dos recursos naturais e foi, pode-se dizer, propulsora da agroecologia.

Teodor Shanin ficou conhecido na nova tradição por escrever sobre as obras de Chayanov, Lenin e Kaustky, rompendo com a visão unilinear do marxismo ortodoxo agrário, gerando o marco teórico inicial do *narodismo* marxista.

João Martinez Alier é colocado como o inovador nesta tradição de pensamentos introduzindo a agroecologia na análise dos movimentos sociais, construindo “A ecologia dos pobres”. Teodor Shanin, João Martinez Alier e Hamza Alavi foram os maiores e mais importantes contribuintes da sociologia rural.

Em se tratando de África, Ásia e América Latina, Norman Long, com a perspectiva neomarxista, explora os problemas nas sociedades rurais dos

ditos países de “Terceiro Mundo”. O trabalho dele consistiu em analisar as dependências e criar propostas de métodos para o desenvolvimento rural a partir do encontro de diferentes identidades.

No campo da sociologia rural inglesa, Michael Redclift destaca-se na nova tradição, porém, assim como os outros autores, estudando os países de “Terceiro Mundo” como Equador, e México.

Ignacy Sachs, o principal teórico do ecodesenvolvimento, por sua enorme relevância também pode se encaixar nos estudos sobre campesinato, apesar de seus trabalhos deixarem nítido que a sua maior proposição não é o campesinato. O ecodesenvolvimento de Ignacy Sachs seria uma proposta de trazer o manejo ecológico de recursos naturais para as sociedades rurais.

Desde a década de 1980, a sociologia rural vem passando por renovação teórica e a estas leituras renovadas deu-se o nome de Sociologia da Agricultura. Esta Sociologia está engajada no envolvimento do capitalismo na agricultura, e em questões como a do possível fim da agricultura familiar. Friederick H. Buttel chama esta discussão de questão agrária. Alain de Janvry também deve ser lembrado por seus estudos tendo a América Latina como palco de discussão, analisando experiências políticas no Equador e Peru. A sua grande área de pesquisa e contribuição foi no estudo do desenvolvimento e subdesenvolvimento e, mais à frente, ele escreveu a Teoria da descamponeização.

Voltando para o estudo do subdesenvolvimento, Janvry reforça que a década de 1970 foi crucial para o crescimento da desigualdade, o que não seria uma surpresa, visto que os anos 1970 foram de crise econômica global, devido às práticas de internacionalização financeira e o avanço do neoliberalismo.

Teodor Shanin é outro autor que deve ser considerado quando o assunto é Sociologia da Agricultura. Ele destacou três pontos teóricos das obras de Chayanov: cooperativismo rural, cooperação vertical e ótimo diferencial. O cooperativismo rural seria uma espécie de democracia entre os agricultores para criar formas de socialização do trabalho familiar. Os ótimos diferenciais seriam a combinação de estruturas sociais e econômicas para criação de tecnologias a partir dos conhecimentos locais. E, por último, das contribuições teóricas de Chayanov, a cooperação vertical, uma forma de cooperação entre diversos tipos de produção e de diferentes tamanhos. A cooperação vertical, deste modo, seria uma resposta ao modelo vertical de concentração capitalista. Em meio a estas teorizações, a agronomia social de Chayanov e a moderna agroecologia mostram-se não muito distantes.

Já com a junção de ecologia e agricultura, surgindo a agroecologia, o autor referencia Angel Palerm e Juan Martinez Alier.

Temos que destacar que, para estudar a ecologia no campesinato, é necessário contextualizá-la em seu mundo sociocultural para que, depois, se possa tirar esse conhecimento ecológico para criar a agroecologia.

No último capítulo, Guzmán e Molina dialogam sobre o campesinato na agroecologia. Eles concluem que apesar de terem focado seus estudos na perspectiva teórica da nova tradição a partir da década de 1970, isso não cria barreiras para que se discutam outros olhares sobre o campesinato como a ideia de o campesinato ser uma classe ou não. Todas estas ideias existiram com a finalidade de criar uma terminologia ideal, para camponês, agricultor familiar ou pequeno produtor para o mercado.

Para Guzmán e Molina são falsas as ideias de buscar discussões nesses termos. A perspectiva deles foi baseada na agroecologia do campesinato, visto que este campesinato é revestido de suas práticas de manejo a partir do contexto de recursos naturais locais e segundo o grau de obtenção da tecnologia da época.

Guzmán e Molina, afirmam que as profecias do fim do campesinato não se concretizaram. Apesar das tentativas capitalistas para que isto ocorra, o campesinato persiste absorvendo novas características, destacando-se a discussão latino-americana.

As influências da interdisciplinaridade entre ciências, a situação do campesinato ser ao mesmo tempo foco de resistência e absorver características novas, foram alguns elementos que propiciaram o surgimento da renovação sobre os estudos do campesinato a partir das décadas de 70 e 80 do século XX.

Detalhado e minucioso na descrição de cada autor envolvido nesta evolução, o livro é um excelente material didático a ser incorporado às referências para compreensão do estudo da agroecologia e do campesinato no ambiente acadêmico.

